

Equipe traz para Campinas o rúgbi sobre cadeira de rodas

Na cidade, os primeiros movimentos do esporte surgiram na Universidade Estadual de Campinas

Criado há 19 anos no Canadá, o rúgbi em cadeira de rodas só chegou ao Brasil no início deste ano. Em Campinas, os primeiros movimentos do esporte surgiram na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), quando um grupo de cadeirantes iniciou o trabalho junto com professores e alunos da Faculdade de Educação Física (FEF).

O gosto pelo esporte e a possibilidade de desenvolver uma atividade física conquistaram os atletas. Pelo lado da universidade, surgiu a possibilidade de estudar as capacidades motoras de praticantes de esportes adaptados.

Hoje, a Adeacamp (Associação de Esportes Adaptados de Campinas), conta com uma equipe de 12 integrantes e se prepara para disputar o Campeonato Brasileiro, marcado para a última semana de dezembro, no Rio. Três atletas, inclusive, já foram convocados para a Seleção Brasileira.

Com o crescimento, surgiram



Reprodução

outras necessidades para o time. "As coisas começaram a tomar um rumo que exigiu um tom mais profissional da nossa parte. Com a possibilidade de disputar competições, decidimos criar a associação e buscar patrocinadores para custear viagens, estadias e a alimentação dos atletas. Fizemos uma viagem recentemente, mas

as condições do grupo não eram as ideais", relata o presidente da Adeacamp, Paulo dos Santos.

Em novembro, o time nacional disputou o Campeonato Sul-Americano na Colômbia. "O Brasil ainda está engatinhando quando se compara com equipes como Estados Unidos e Canadá, que existem há

mais de 10 anos", destaca Paulo.

Luís Gustavo é treinador e estudante da Unicamp. Ele elogia todo o trabalho, que pode ser acompanhado no blog oficial da equipe: <http://rugby-adeacamp.blogspot.com/>. "O esporte é ótimo para pessoas com deficiência, pois exige a força dos braços e essa atividade em tetraplégicos é fundamental. Além disso, a frequência respiratória tem uma melhoria significativa", disse.

ORIGEM

O rúgbi em cadeira de rodas foi introduzido na Paraolimpíada de Atlanta/96 como modalidade de apresentação. Os Estados Unidos conquistaram o ouro nesta edição. Em Sydney 2000, a modalidade entrou para o quadro oficial dos Jogos e os EUA foram campeões novamente. Introduzido em abril no Brasil, o esporte já tem equipes em Santa Catarina, São Paulo, Rio de Janeiro e Campinas. (Fonte: Paulo Santana/Correio Popular)

Americana é a 1ª pessoa sem braços a ter brevê de piloto

Nascida sem os braços por conta de um defeito genético, a americana Jessica Cox vem ganhando popularidade nos Estados Unidos como exemplo de superação ao se tornar a primeira pessoa a dirigir um avião somente com os pés e conseguir uma licença de piloto de avião esportivo.

Aos 25 anos e formada em psicologia, Jessica trabalha com palestras motivacionais, nas quais sua história é contada como forma de incentivar a superação de obstáculos.

A aparente limitação física não a impede de levar uma vida normal. Desde a infância, Jessica aprendeu a usar os pés para realizar tarefas do dia-a-dia como escovar o cabelo, usar o computador, colocar lentes de contato, preparar uma refeição ou falar ao telefone.

Jessica também aprendeu a dirigir usando os pés e conseguiu uma carteira de motorista sem restrições, usando um carro comum, sem adaptações.

Ela diz não ver limites pessoais e nunca pensar "não posso". "Eu somente digo 'Ainda não consegui'", afirma.

Segundo Jessica, essa lista de coisas 'a conseguir' inclui, entre outras coisas, uma escalada de montanha e fazer um rabo-de-cavalo. "Sempre tenho problemas com aqueles elásticos de cabelo", comenta. "Nasci assim, então somente aprendi a me adaptar", conta.

Entre as conquistas de Jessica está uma faixa-preta de Tae Kwon-Do. Ela diz, porém, que seu maior triunfo na vida vai além de seus fei-

tos físicos.

Para ela, seu maior feito é sua auto-estima e seu grau de auto-aceitação, que dá a ela "liberdade e poder para insistir que a sociedade me aceite como sou".

"Quando eu nasci, meus pais ficaram chocados, mas nunca deixaram que eu me sentisse diferente. Outras pessoas sempre me olharam e fizeram comentários, mas eu consegui transformar os sentidos negativos em algo positivo."

Para conseguir realizar o feito de pilotar sozinha um avião, Jessica teve que superar, além da limitação física, seu medo de voar.

Até que, há três anos, ela teve a oportunidade de dirigir um avião pela primeira vez, acompanhada de um instrutor ligado à organização não-governamental Wright



Reprodução

Flight, que promove programas motivacionais com base na aviação. Após três anos e 89 horas de pilotagem em uma aeronave Ercoupe, que exige um controle somente com as duas mãos - ou os dois pés, no caso de Jessica -, ela finalmente conseguiu sua licença de piloto em outubro deste ano.

Em suas palestras, Jessica procura mostrar às outras pessoas que a auto-confiança é a principal arma para superar as adversidades. (Fonte: G1)